



MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO: UMA AFIRMAÇÃO ECUMÊNICA



CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO: UMA AFIRMAÇÃO ECUMÊNICA

Conselho Mundial de Igrejas



CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rio de Janeiro
1983

SUMÁRIO

- 7 Apresentação
- 9 Prefácio
- 11 O CHAMADO A MISSÃO
- 14 O CHAMADO À PROCLAMAÇÃO
E AO TESTEMUNHO
- 17 CONVICÇÕES ECUMÊNICAS
- 34 OLHANDO PARA O FUTURO
- 35 APÊNDICES

APRESENTAÇÃO

Esta *Afirmção Ecumênica sobre Missão e Evangelização* foi aprovada pelo Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas em sua sessão de julho de 1982. Resume algumas das convicções fundamentais no pensamento e na prática da missão e da evangelização na vida das Igrejas membros do Conselho Mundial de Igrejas. O Conselho Mundial encontra-se numa situação privilegiada para desenvolver este estudo por ser lugar de encontro de Igrejas protestantes e ortodoxas e também porque há uma participação católica construtiva neste terreno da missão e da evangelização, ainda que a Igreja Católica não seja membro do Conselho Mundial de Igrejas.

A autoridade deste documento, como a de todos os documentos ecumênicos, depende somente de seu conteúdo. Nenhuma Igreja membro está obrigada a aceitar as formulações que se oferecem nesta afirmação, mas, como tiveram em sua maioria oportunidade de contribuir em sua elaboração, elas sem dúvida se reconhecerão em muitas de suas afirmações fundamentais. Por trás de cada uma destas afirmações há experiências cristãs de ontem e de hoje, de países ricos e de países pobres, de países com séculos de tradição cristã e de países onde só há cristãos de primeira geração. Este documento surge do encontro de todas essas experiências e da reflexão conjunta sobre o testemunho bíblico. Cumpre alguns dos propósitos fundamentais do Conselho Mundial de Igrejas, tais como estão detalhados em sua constituição:

- “avançar rumo à unidade, para que o mundo possa crer,
- facilitar o testemunho comum das Igrejas em cada lugar e em todo lugar,
- apoiar as Igrejas em sua tarefa missionária e evangelizadora através de todo o mundo.”

Espera-se que este documento proporcione inspiração para o trabalho evangelizador e missionário das Igrejas e possa servir como esboço para cursos sobre missão e evangelização em igrejas locais, distritos, conferências nacionais e seminários bíblicos.

Entregamos com esperança a versão em português deste documento, para que Deus a utilize para a inspiração e a riqueza espiritual de sua Igreja nos países de fala portuguesa. Sem dúvida nenhum documento ecumênico é palavra final; é sempre “maná”, pão para hoje, convite a buscar juntos mais e melhor sabedoria para o amanhã.

Emilio Castro

Diretor

Comissão de Missão Mundial de Evangelização

Conselho Mundial de Igrejas

PREFÁCIO

A promessa bíblica de uma nova terra e um novo céu onde o amor, a paz e a justiça prevalecerão (Sl 85.7-13; Is 32.17-18; 65.17-25; Ap 21.1-2) convida-nos a atuar na história como cristãos. O contraste dessa visão com a realidade atual revela a monstruosidade do pecado humano, o mal desencadeado pela rejeição da vontade libertadora de Deus para a humanidade. O pecado, que distancia as pessoas de Deus, de seus semelhantes e da natureza, manifesta-se sob formas individuais e corporativas, bem como na escravidão da vontade humana e nas estruturas sociais, políticas e econômicas de dominação e dependência.

A Igreja é enviada ao mundo para chamar as pessoas e as nações ao arrependimento, para anunciar o perdão do pecado e um novo começo nas relações com Deus e com o próximo através de Jesus Cristo. Esse chamado evangélico tem uma nova urgência em nossos dias.

Num mundo onde cresce constantemente o número de pessoas que não têm oportunidade de conhecer a história de Jesus, *como é necessário multiplicar a vocação testemunhal da Igreja!*

Num mundo onde a maioria dos que não conhecem Jesus são os pobres da terra, aos quais ele prometeu o Reino de Deus, *como é importante partilhar com eles as Boas Novas desse Reino!*

Num mundo onde as pessoas estão lutando por justiça, liberdade e libertação, frequentemente sem que suas esperanças se tornem realidade, *como é importante anunciar-lhes o Reino de Deus que lhes foi prometido!*

Num mundo onde os marginalizados e os desertores da sociedade opulenta procuram desesperadamente identidade e consolo nas drogas ou nos cultos esotéricos, *como é imperativo anunciar que ele veio para que tenham vida, e a tenham em abundância!* (Jo 10.10).

Num mundo onde tantos encontram pouco sentido, exceto na relativa segurança que lhes proporciona seu bem-estar, *como é necessário escutar novamente o convite de Jesus para ser seus discípulos, para servir e viver arriscadamente!*

Num mundo onde tantos cristãos assumem de forma nominal seu compromisso com Jesus Cristo, *como é necessário chamá-los de novo ao fervor de seu primeiro amor!*

Num mundo onde as guerras e os rumores de guerra põem em perigo o presente e o futuro da humanidade, onde uma parte enorme dos recursos naturais e dos seres humanos é consumida na corrida armamentista, *como é importante chamar bem-aventurados aos pacificadores, convencidos de que Deus em Cristo derrubou todas as barreiras e reconciliou o mundo consigo!* (Ef 2.14; 2 Co 5.19).

Esta afirmação ecumênica é um desafio que as Igrejas propõem umas às outras para anunciar que Deus reina e que há esperança de um futuro em que Deus “reunirá todas as coisas em Cristo... as coisas do céu como as coisas da terra” (Ef 1.10). Jesus é “... o primeiro e o último, e o que vive...” (Ap 1.17-18), o que “logo virá...” (Ap 22.12), o que “faz novas todas as coisas” (Ap 21.15).

O chamado à missão

1. O movimento ecumênico atual nasceu da convicção das Igrejas de que a divisão dos cristãos é um escândalo e um empecilho ao testemunho da Igreja. Entre as Igrejas de hoje há uma crescente tomada de consciência quanto à relação inextricável entre unidade cristã e chamado missionário, e entre ecumenismo e evangelização. “A evangelização é o teste de nossa vocação ecumênica” (1).

O ponto de união do Conselho Mundial de Igrejas, como “uma comunidade de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo o testemunho das Escrituras, e que portanto procuram responder juntas à sua vocação comum para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo” (2), é a confissão comum de Jesus Cristo. O ministério salvífico do Filho é entendido no interior da ação da Santa Trindade: foi o Pai quem, pelo poder do Espírito, enviou Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, o Salvador do mundo todo. As Igrejas do CMI encontram-se numa peregrinação rumo à unidade sob a visão missionária de João (17.21), “... para que todos sejam um; como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” (3).

2. No Antigo Testamento vemos que o povo de Israel já esperava pelo dia da paz, quando a justiça de Deus prevaleceria (Is 11.1-9). Jesus identificou-se com essa tradição anunciando que o Reino de Deus estava próximo (Mc 1.15) e que nele a realidade desse Reino se fazia presente (Lc 4.15-21). Deus oferecia essa nova justiça às crianças, aos pobres, a todos que labutam e levam uma carga pesada e a todos os que se arrependessem e o seguissem. A Igreja Primi-

1. Discurso de Philip Potter ao Sínodo dos Bispos da Igreja Católica Romana, Roma, 1974.

2. Constituição do Conselho Mundial de Igrejas.

3. Constituição da Comissão de Missão Mundial e Evangelização do CMI.

tiva professou Jesus como Senhor, como a mais alta autoridade, ante cujo nome todo joelho se dobraria, aquele que na cruz e na ressurreição libertou neste mundo o poder do amor.

3. Cristo enviou seus discípulos dizendo-lhes: “Como o Pai me enviou, assim eu também vos envio” (Jo 20.21). Os discípulos de Jesus eram testemunhas pessoais do Cristo ressuscitado (1 Jo 1.2-3). Como tais, foram enviados ao mundo na condição de apóstolos. Baseada em seu testemunho, que está preservado no Novo Testamento e na história de sua vida, a Igreja tem como uma de suas marcas constitutivas o ser apostólica, o ser enviada ao mundo (Apêndice 1). Deus em Cristo equipou a Igreja com todos os dons do Espírito necessários ao seu testemunho. “Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós; sereis então minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e na Samaria e até os confins da terra” (At 1.18).

4. O livro dos Atos dos Apóstolos narra a história da expansão da Igreja Primitiva no cumprimento de sua vocação missionária. O Espírito Santo desceu sobre aquela pequena comunidade de Jerusalém no dia de Pentecostes (At 2.1-39) para que, através deles e de outros que viriam a crer em Cristo por meio de suas palavras (Jo 17.20), o mundo fosse recuperado e redimido.

A Igreja Primitiva deu testemunho do Senhor ressuscitado de diversas maneiras, mas sobretudo no estilo de vida de seus membros. “E dia após dia, frequentando juntos o templo e partindo o pão em suas casas, eles partilhavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e tendo o apreço de todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade aqueles que seriam salvos” (At 2.46-47; Apêndice 2). Através das perseguições sofridas pelos primeiros cristãos a palavra espalhou-se espontaneamente: “Mas os que haviam sido dispersados iam por toda parte anunciando a palavra da Boa Nova” (At 8.4). Assim foi que os apóstolos vieram a confirmar a fé naqueles que haviam aceitado a palavra de Deus (At 8.14-17). Em outras ocasiões, a palavra difundiu-se através de ministérios mais explícitos e deliberados. A Igreja de Antioquia organizou a primeira viagem missionária. Barnabé e Paulo foram enviados pela Igreja em resposta ao Espírito Santo (At 13.1-4). Repetidamente a Igreja foi surpreendida pelo chamado de Deus a enfrentar situações missionárias inteiramente novas (At 8.26; 10.17; 16.9-10).

5. Jesus Cristo foi em si mesmo a completa revelação do amor de Deus, manifestado em justiça e perdão através de todos os aspectos de sua vida terrena. Ele completou a obra do Pai: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, e completar sua obra” (João 4.34). Em sua obediência à vontade do Pai, em seu amor pela humanidade, ele revelou ao mundo o amor de Deus de muitas maneiras: perdoando, curando, afastando demônios, ensinando, proclamando, denunciando, testemunhando perante as Cortes, e finalmente entregando sua vida. A Igreja tem hoje a mesma liberdade para desenvolver

sua missão, para responder a situações e circunstâncias em transformação (Apêndice 3). Ela é enviada ao mundo, participando desse fluxo de amor de Deus Pai. Nessa missão de amor (Mt 22.37) a Igreja procura, através de todos os aspectos de sua vida, dar testemunho da plena realização do Reino de Deus em Jesus Cristo. A Igreja é chamada, como João Batista, a apontar em direção ao “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo” (Jo 1.29).

Para reflexão e debate

Quais devem ser as características de uma Igreja apostólica enviada ao mundo?

A congregação local a que pertencemos responde a essas características? Em que sentido?

Que relação existe entre a confissão da fé cristã e o estilo de vida dos fiéis? Apontemos exemplos concretos.

O chamado à proclamação e ao testemunho

6. A missão da Igreja decorre de sua natureza como Corpo de Cristo, compartilhando do ministério de Cristo como mediador entre Deus e sua criação. Essa missão de mediação em Cristo envolve dois movimentos integralmente relacionados — um de Deus para a criação, e outro da criação para Deus. A Igreja manifesta o amor de Deus pelo mundo em Cristo, em palavras e obras, identificando-se com toda a humanidade, em serviço baseado no amor e numa feliz proclamação; nessa mesma identificação com toda a humanidade, a Igreja eleva a Deus sua dor e sofrimento, esperança e aspiração, alegria e gratidão através da oração intercessória e da adoração eucarística. Qualquer desequilíbrio entre essas duas direções do movimento mediador afeta adversamente nosso ministério e missão no mundo.

Só uma Igreja plenamente consciente do modo como as pessoas no mundo vivem, sentem e pensam pode cumprir adequadamente qualquer dos aspectos dessa missão mediadora. É nesse ponto que a Igreja reconhece a validade e o significado do ministério de outros para a Igreja, de modo que ela possa melhor entender e estar em solidariedade mais estreita com o mundo, conhecendo e partilhando suas dores e desejos. Só respondendo atentamente aos outros poderemos superar nossa ignorância e incompreensão dos outros, e ser mais capazes de servi-los.

Em pleno cerne da vocação da Igreja no mundo está a proclamação do Reino de Deus inaugurado em Jesus, o Senhor, crucificado e ressurreto. Através de sua vida interior de adoração eucarística, de ação de graças, de oração intercessória, através do planejamento para a missão e a evangelização, através de um estilo de vida quotidiano de solidariedade com os pobres, através da defesa dos seres humanos ao ponto da confraternização com os poderes que os oprimem, as Igrejas procuram cumprir sua vocação evangelizadora.

7. O ponto de partida de nossa proclamação é Cristo, e Cristo crucificado. “Quanto a nós, pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos” (1 Co 1.23). A Boa Nova legada à Igreja é que a graça de

Deus estava em Jesus Cristo, que “sendo rico, fez-se pobre por vós, para vos enriquecer por sua pobreza” (2 Co 8-9).

Baseados na sabedoria humana, os magos do Oriente, em sua busca da criança, foram ao palácio do rei Herodes. Não sabiam que “não havia lugar para ele na estalagem”, que ele nascera numa manjedoura, pobre entre os pobres. Jesus foi tão longe em sua identificação com a pobreza da humanidade que sua família foi obrigada a tomar a rota do Egito como refugiada política. Foi criado como um operário, veio proclamando a atenção de Deus para com os pobres, anunciou-lhes bem-aventuranças, colocou-se do lado dos necessitados, enfrentou os poderosos e foi para a cruz para revelar uma nova vida para a humanidade. Como seus discípulos, anunciamos sua solidariedade com todos os oprimidos e marginalizados. Os menosprezados pelo mundo são preciosos aos olhos de Deus (1 Co 1.26-31). Acreditar em Jesus, o Rei, é aceitar sua graça imerecida e entrar com ele no Reino, colocando-se ao lado dos pobres que lutam para superar a pobreza. Tanto aqueles que anunciam Jesus como o rei servidor quanto aqueles que aceitam esse anúncio e respondem a ele estão convidados a assumir com ele diariamente sua identificação e sua participação com os pobres da terra.

Com o apóstolo Paulo e todas as Igrejas cristãs, professamos Jesus Cristo “que, de condição divina, não conservou ciosamente a posição que o igualava a Deus. Mas anulou-se a si mesmo, assumindo condição de escravo e tornando-se semelhante aos homens. E, tendo-se feito homem, humilhou-se mais ainda, obedecendo até à morte, e à morte numa cruz! Também Deus o exaltou e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que tudo, ao nome de Jesus, se ajoelhe, no mais alto dos céus, sobre a terra e nos infernos, e que toda língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fp 2.6-11).

8. Mas a identificação de Cristo com a humanidade foi ainda mais profunda, e, quando pregado à cruz, acusado de criminoso político, tomou a si a culpa até mesmo daqueles que o haviam crucificado. “Pai, perdoa-os, eles não sabem o que fazem” (Lc 23.34). A confissão cristã afirma: “Aquele que não conhecera o pecado, ele o fez pecado por nós, a fim de que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Co 5.21). A cruz é o lugar da batalha decisiva entre os poderes do mal e o amor de Deus. Ela desvela a perdição do mundo, a magnitude da pecaminosidade humana, a tragédia da alienação do homem. A total auto-entrega de Cristo revela a imensurável profundidade do amor de Deus pelo mundo (Jo 3.16).

Nessa mesma cruz, Jesus foi glorificado. Aqui Deus o Pai glorificou o Filho do homem, e ao fazê-lo confirmou Jesus como o Filho de Deus (Jo 13.31). “Os primeiros cristãos usaram muitas analogias para descrever o que haviam experimentado e o que acreditavam ter acontecido. A imagem mais tocante é

a do cordeiro sacrificado, abatido mas ainda vivo, partilhando, com o próprio Deus vivo, o trono que simbolizava o centro de todo poder e soberania” (4).

É este Jesus que a Igreja proclama como a verdadeira vida do mundo, porque na cruz deu sua própria vida para que todos pudessem viver. Nele a miséria, o pecado e a morte são derrotados de uma vez para sempre. Não podem ser aceitos como possuidores do poder último sobre a vida humana. Nele há vida abundante, vida eterna. A Igreja proclama Jesus ressuscitado dos mortos. Por meio da ressurreição, Deus vinga a Jesus e abre um novo período de obediência missionária até que ele venha outra vez (At 1.11). O poder do Cristo crucificado e ressurreto é agora liberado. É o novo nascimento para uma nova vida, pois, como assumiu nossa condição de pecado na cruz, assim também ele nos introduziu a uma nova vida em sua ressurreição. “Portanto, se alguém está em Cristo, é uma nova criatura; o antigo ser desapareceu, um novo ser surgiu” (2 Co 5.17; Apêndice 4). A evangelização convoca as pessoas a olhar para esse Jesus e a entregar sua vida a ele, a entrar no Reino cujo Rei veio na débil criança de Belém, naquele que foi assassinado na cruz.

Para reflexão e debate

Quais os valores que predominam em nosso mundo atual? Perante esses valores, que significa pregar a Cristo crucificado?

As “coisas velhas” realmente passaram? Que “coisas velhas” sentimos que devem ser erradicadas de nossa vida pessoal? da vida das congregações?

Quando a ação dos cristãos atualmente pode ser interpretada como “pedra de tropeço” ou “loucura” segundo expresso em 1 Coríntios 1.23? Indique exemplos concretos. Meditemos sobre eles.

4. *Your Kingdom Come*, Informe da Comissão Mundial de Missões e Evangelização, Melbourne, Austrália, maio de 1980, p. 210.

Convicções ecumênicas

9. Por meio das discussões e das experiências ecumênicas, as Igrejas, com suas diversas confissões e tradições e em suas diversas expressões como paróquias, comunidades monásticas, ordens religiosas etc., aprenderam a se reconhecer mutuamente como participantes do mesmo movimento missionário mundial. *Assim, podem afirmar juntas uma percepção ecumênica da missão cristã, expressa nas convicções que se seguem, segundo as quais elas se comprometem a trabalhar para o Reino de Deus.*

CONVERSÃO

10. A proclamação do Evangelho inclui um convite a reconhecer e a aceitar, numa decisão pessoal, o domínio salvador de Cristo. É o anúncio de um encontro pessoal, mediado pelo Espírito Santo, com o Cristo vivo, recebendo seu perdão e dando um consentimento pessoal ao chamado ao discipulado e a uma vida de serviço. Deus se dirige particularmente a cada um de seus filhos, bem como à totalidade da raça humana. *Toda pessoa tem direito a ouvir a Boa Nova.* Muitas forças sociais pressionam hoje ao conformismo e à passividade. Massas de pobres foram privadas do direito de decidir sobre suas vidas e a vida de sua sociedade. Enquanto o anonimato e a marginalização parecem reduzir ao mínimo as possibilidades de decisões pessoais, Deus, como Pai, conhece cada um de seus filhos e chama cada um deles a realizar um ato pessoal fundamental de lealdade a ele e a seu Reino em comunidade fraterna com seu povo.

11. Embora a experiência básica da conversão seja a mesma, a consciência de um encontro com Deus revelado em Cristo, o momento concreto dessa experiência e sua forma concreta diferem segundo nossa situação pessoal. *O chamado é para realizar mudanças específicas, para renunciar às evidências da dominação do pecado em nossas vidas e para aceitar responsabilidades em termos do amor de Deus por nosso semelhante.* João Batista disse claramente aos

soldados o que deviam fazer; Jesus não hesitou em indicar ao jovem rico que sua fortuna era o obstáculo ao seu discipulado. A conversão tem lugar em meio à nossa realidade histórica, e incorpora a totalidade de nossa vida, porque o amor de Deus abrange essa totalidade. O chamado de Deus é um convite a segui-lo com alegria, a participar de seu serviço, a partilhar com ele a luta para vencer o pecado, a pobreza e a morte.

12. A importância dessa decisão é ressaltada pelo fato de que o próprio Deus, através do Espírito Santo, ajuda a aceitar a fraternidade que oferece. O Novo Testamento chama isto de um novo nascimento (Jo 3.3). É também chamado de conversão, metanóia, transformação total de nossas atitudes e estilos de vida. A conversão, como um processo dinâmico e contínuo, “envolve um desviar-se *de* e um voltar-se *para*. Envolve sempre reconciliação, uma nova relação tanto com Deus quanto com os outros. Envolve deixar para trás nossa segurança anterior (Mt 16.24) e colocar-nos em risco numa vida de fé” (5). É “conversão *de* uma vida caracterizada pelo pecado, pela separação de Deus, pela submissão ao mal e pelo potencial não realizado da imagem de Deus, *para* uma nova vida caracterizada pelo perdão dos pecados, a obediência aos mandamentos de Deus, a renovação da comunhão com Deus na Trindade, o crescimento na restauração da imagem divina e a realização... do amor de Cristo...” (6).

O chamado à conversão, como um chamado ao arrependimento e à obediência, deve também ser dirigido a nações, grupos e famílias. Proclamar a necessidade de mudar da guerra para a paz, da injustiça para a justiça, do racismo para a solidariedade, do ódio para o amor é um testemunho prestado a Jesus Cristo e a seu Reino. Os profetas do Antigo Testamento dirigiam-se constantemente à consciência coletiva do povo de Israel, chamando os governantes e o povo ao arrependimento e à renovação do pacto.

13. Muitos dos que são atraídos para Cristo vêem-se repelidos pelo que vêem na vida das Igrejas bem como na vida dos cristãos individualmente. Quantos dos milhões de pessoas no mundo que não confessam Jesus Cristo rejeitaram-no em consequência do que viram na vida dos cristãos! O chamado à conversão, portanto, deve começar com o arrependimento daqueles que fazem o chamado, que anunciam o convite. O batismo em si é um ato único, o reconhecimento de que os cristãos já não se pertencem mais a si mesmos, tendo sido resgatados para sempre com o sangue de Cristo, e pertencem a Deus. Mas a experiência do batismo deveria ser constantemente reavivada através de um morrer diário com Cristo para o pecado, para si mesmos e para o mundo e de

5. *Idem, ibidem.*

6. *Confessing Christ Today.* Relatórios de grupos de uma Conferência de Teólogos Ortodoxos, p. 8.

um novo renascer com ele no serviço de Cristo, para tornar-se uma bênção para a comunidade circundante.

A experiência da conversão dá sentido à pessoa em todas as etapas da vida, resistência para enfrentar a opressão e a segurança de que mesmo a morte não tem poder final sobre a vida humana, porque Deus em Cristo já tomou a si nossa vida, uma vida que está “escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.3).

Para reflexão e debate

Por que decidimos nos batizar e/ou batizar os nossos filhos? Compartilhemos a experiência com nossos irmãos. Meditemos sobre ela.

Pode haver perdão sem arrependimento? por quê? Indiquemos algumas conseqüências concretas do arrependimento sincero.

A aceitação pessoal de Cristo como Senhor e Salvador, tem conseqüências sociais? Mudou em alguma coisa a nossa relação com os outros e com o mundo que nos cerca? por quê? em que aspectos?

Diz-se que pertencemos ao “mundo ocidental cristão”; que significa o qualificativo “cristão” em tal contexto? Em que aspectos cremos que nosso mundo ocidental cumpre com o mandato de Cristo? Em quais não cumpre?

O EVANGELHO PARA TODAS AS ESFERAS DA VIDA

14. Na Bíblia, a vida religiosa nunca esteve limitada ao templo ou isolada da vida cotidiana (Os 6.4-6; Is 58.6-7). O ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus é uma clara referência ao domínio amoroso de Deus sobre toda a história humana. Não podemos limitar nosso testemunho a uma esfera da vida, supostamente isolada. O domínio de Cristo deve ser proclamado em todas as áreas da vida. Ao enviar seus discípulos para a grande missão, Jesus disse: “Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide pois, fazei discípulos a todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-lhes a observar tudo o que vos ensinei. E eu estarei convosco para sempre, até o final dos tempos” (Mt 28.18-20). As Boas Novas do Reino são tanto um desafio às estruturas da sociedade (Ef 3.9-10) quanto um chamado aos indivíduos para que se arrependam. “Se a salvação do pecado mediante o perdão divino deve ser verdadeiramente e plenamente pessoal, ela deve se expressar na renovação dessas relações e estruturas. Tal renovação não é meramente uma conseqüência, mas um elemento essencial da conversão da totalidade dos seres humanos” (7).

7. *Breaking Barriers*, p. 233.

15. O testemunho evangélico dirige-se a toda a criação (*ktisis*) que geme e sofre as dores do parto à busca de adoção e de redenção... O poder transfigurador da Santa Trindade visa alcançar cada recesso e cada fresta de nossa vida nacional... O testemunho evangélico falará também às estruturas deste mundo; suas instituições econômicas, políticas e sociais... Temos de reaprender a lição patrística de que a Igreja é a boca e a voz dos pobres e dos oprimidos frente aos poderes vigentes. Ao nosso próprio modo, devemos aprender de novo 'como falar ao ouvido do rei' a favor do pobre... Cristo foi enviado para nada menos que conduzir o mundo à vida de Deus" (8).

16. No cumprimento de sua vocação, a Igreja é chamada a *anunciar* as Boas Novas de Jesus Cristo: perdão, esperança, um novo céu e uma nova terra; a *denunciar* poderes e principados, pecado e injustiça; a *consolar* viúvas e órfãos, curando e restaurando os que foram feridos; e a *celebrar* a vida em meio à morte. No cumprimento dessas tarefas as Igrejas podem encontrar limitações, restrições e mesmo perseguição por parte dos poderes dominantes que pretendem ter autoridade final sobre a vida e o destino do povo.

17. Em alguns países há uma pressão destinada a limitar a religião à vida privada do crente — afirmando-se que a liberdade de crer deveria ser suficiente. A fé cristã desafia essa afirmação. A Igreja reivindica o direito e o dever de existir publicamente — visivelmente — e de se expressar abertamente sobre os temas de interesse humano. "Confessar Cristo *hoje* significa que o Espírito nos impulsiona a lutar... com o pecado e o perdão, com o poder e a ausência dele, com a exploração e a miséria, com a busca universal de identidade, a perda generalizada de motivação cristã, e as ânsias espirituais daqueles que não ouviram o nome de Cristo. Significa que estamos em comunhão com os profetas que anunciaram a vontade e a promessa de Deus para a humanidade e a sociedade, com os mártires que selaram sua confissão com sofrimento e morte, e também com os que duvidam e só podem sussurrar sua confissão do Nome" (9).

18. A esfera da ciência e da tecnologia merece hoje especial atenção. A vida diária da maioria das crianças, mulheres e homens, sejam eles ricos ou pobres, é afetada pela avalanche de descobertas científicas. A ciência farmacêutica revolucionou o comportamento sexual. Cada vez mais, computadores sofisticados resolvem, em segundos, problemas cuja solução demandava outrora o tempo de toda uma vida; ao mesmo tempo, eles se convertem em meios para invadir a privacidade de milhões de pessoas. A força nuclear ameaça a vida no planeta, ao mesmo tempo em que fornece uma nova fonte de energia. A pesquisa biológica situa-se na apavorante fronteira da interferência com o código

8. *Confessing Christ Today*, *op. cit.*, pp. 10 e 3.

9. *Breaking Barriers*, p. 48.

genético, capaz – para o melhor ou para o pior – de alterar toda a espécie humana. Por tudo isso, os cientistas estão procurando orientação de caráter ético. Sob as questões referentes ao acerto ou erro de decisões e atitudes, no entanto, encontram-se questões teológicas básicas: qual é o significado da existência humana? o objetivo da história? a verdadeira realidade dentro e para além do que pode ser posto à prova e quantificado empiricamente? As questões éticas emergem da busca de uma nova visão do mundo, de uma fé.

19. As histórias bíblicas e os antigos credos fornecem-nos esclarecimentos preciosos para o testemunho do Evangelho no mundo da ciência. Mas podem os teólogos, à luz desses exemplos, auxiliar responsabilmente no que diz respeito à engenharia genética ou à física nuclear? Parece difícil, na medida em que persista a incomunicabilidade entre esses dois grupos. Os que estão diretamente envolvidos na pesquisa científica e são mais afetados por ela estão melhor capacitados a discernir e a explicar as revelações da fé cristã em termos de posições éticas específicas.

O testemunho cristão apontará na direção de Jesus Cristo, em quem se revela a humanidade real, e que é, na sabedoria de Deus, o centro de toda a criação, “a cabeça sobre todas as coisas” (Ef 1.10, 22-23). Esse testemunho mostrará a glória e a humildade da tarefa humana sobre a terra.

Para reflexão e debate

Confessar a fé cristã é somente uma questão particular? O que nos diz o Evangelho a esse respeito?

Pensamos que a Igreja se deve pronunciar publicamente, através de declarações tais como sobre as diversas situações que se apresentam no mundo que nos cerca? por quê? Em que casos concretos consideramos que a Igreja deve fazer ouvir a sua voz?

Em que sentido os cristãos podem contribuir para a ciência com “uma nova visão” do mundo?

Quando falamos em mordomia, pensamos somente no uso de nosso dinheiro? Em que outros aspectos devemos exercer a mordomia?

A IGREJA E SUA UNIDADE NA MISSÃO DE DEUS

20. Receber a mensagem do Reino de Deus é ser incorporado ao corpo de Cristo, a Igreja, criada e sustentada pelo Espírito Santo (Apêndice 5). Cabe às Igrejas ser sinais para o mundo. Compete-lhes interceder como ele o fez, servir como ele o fez. A missão cristã é, por isso, a ação do corpo de Cristo na história da humanidade – uma continuação de Pentecostes. Aqueles que, por meio da conversão e do batismo, aceitam o Evangelho de Jesus, compartilham da vida do corpo de Cristo e integram uma tradição histórica. Lamentavel-

mente a história das Igrejas registra muitas traições a essa vocação suprema. Muitos que são atraídos pela visão do Reino têm dificuldade em ver-se atraídos pela realidade concreta da Igreja. Eles estão convidados a participar de um processo contínuo de renovação das Igrejas. “O desafio com que se defrontam as Igrejas não é o de ser o mundo moderno indiferente à sua mensagem evangélica, mas o de estarem elas suficientemente renovadas em sua vida e seu pensamento de modo a se tornarem testemunhos vivos da integridade do Evangelho. As Igrejas empenhadas na evangelização precisam receber elas mesmas a Boa Nova e deixar o Espírito Santo refazer suas vidas segundo a sua vontade” (10; Apêndice 6).

21. A celebração da Eucaristia é o lugar para a renovação da convicção missionária no seio de cada congregação. Segundo o apóstolo Paulo, a celebração da Eucaristia é em si mesma uma “proclamação da morte do Senhor até que ele venha” (1 Co 11.26). “Desse modo Deus alimenta seu povo quando este celebra o mistério da Eucaristia, a fim de que ele possa confessar em palavra e obra que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus o Pai” (11; Apêndice 7).

A Eucaristia é pão para um povo missionário. Reconhecemos com profundo pesar que os cristãos não se apresentam todos juntos à mesa do Senhor. Isto contradiz a vontade de Deus e empobrece o corpo de Cristo. A credibilidade do nosso testemunho cristão está em jogo.

22. Os cristãos são chamados a trabalhar pela renovação e transformação das Igrejas. Há hoje muitos sinais do trabalho do Espírito Santo nessa renovação. *As reuniões realizadas em casas de famílias, na China, ou as Comunidades Eclesiais de Base, na América Latina; a renovação litúrgica, a renovação bíblica, o ressurgimento da vocação monástica, o movimento carismático são indicações das possibilidades de renovação da Igreja de Jesus Cristo.*

23. Na proclamação ao mundo da reconciliação em Jesus Cristo, as Igrejas são chamadas a se unir. Face ao desafio e à ameaça do mundo, elas muitas vezes se unem na defesa de posições comuns. Mas o testemunho comum deveria ser a consequência natural de sua unidade com Cristo em sua missão. A experiência ecumênica revelou a realidade de uma profunda unidade espiritual. O reconhecimento comum da autoridade da Bíblia e dos credos da Igreja antiga, bem como uma crescente convergência em afirmações doutrinárias, deveria permitir às Igrejas não somente afirmar juntas os fundamentos da fé cristã, mas também proclamar juntas as Boas Novas de Jesus Cristo ao mundo. Solidariamente, as Igrejas estão se ajudando umas às outras em seus respectivos

10. Philip Potter, *op. cit.*

11. *Your Kingdom Come*, p. 206.

testemunhos perante o mundo. Com a mesma solidariedade, deveriam compartilhar seus recursos espirituais e materiais para anunciar juntas e com clareza sua esperança e vocação comuns.

24. “Muitas vezes é social e politicamente mais difícil testemunhar conjuntamente, porque os poderes deste mundo promovem a divisão. Nessas situações, o testemunho comum é particularmente valioso e conforme a Cristo. O testemunho que ousa ser comum é um poderoso sinal de unidade, que advém direta e visivelmente de Cristo, e um vislumbre de seu Reino” (12).

O impulso ao testemunho comum vem da profundidade de nossa fé. “Sua urgência é ressaltada quando nos damos conta da gravidade da situação humana e da tarefa tremenda que aguarda as Igrejas na atualidade” (13).

25. Está no cerne da missão cristã o fomento da multiplicação de congregações locais em todas as comunidades humanas. O plantio da semente do Evangelho trará de volta um povo reunido em torno da Palavra e dos sacramentos, e chamado a anunciar o propósito revelado de Deus.

Graças ao testemunho fiel dos discípulos através dos tempos, as Igrejas brotaram em praticamente todos os países. *Essa tarefa de disseminar a semente precisa ser continuada até que haja, em cada comunidade humana, uma célula do Reino, uma Igreja confessando Jesus Cristo e servindo seu povo em seu nome.* A construção da Igreja em cada lugar é essencial para o Evangelho. O trabalho vicário de Cristo demanda a presença de um povo vicário. Um instrumento vital para o cumprimento da vocação missionária da Igreja é a congregação local.

26. A implantação da Igreja em diferentes culturas requer uma atitude positiva em relação à endoculturação do Evangelho. As Igrejas antigas, através de séculos de íntima relação com as culturas e aspirações dos povos, demonstraram o poderoso caráter testificador desse enraizamento das Igrejas no solo nacional. “A endoculturação tem sua fonte e inspiração no mistério da encarnação. A Palavra fez-se carne. E carne significa aqui a realidade plenamente concreta, humana e criada que Jesus era. A endoculturação torna-se portanto outra forma de descrever a missão cristã. Se a proclamação vê a missão na perspectiva da Palavra a ser proclamada, a endoculturação vê a missão na perspectiva da carne, ou da corporificação concreta que a Palavra assume num indivíduo, comunidade, instituição ou cultura particulares” (14).

12. *Common Witness*, p. 28.

13. *Ibid.*

14. Boletim SEDOS 81/nº 7.

A endoculturação não deve ser entendida simplesmente como pesquisa intelectual; ela ocorre quando os cristãos expressam sua fé através dos símbolos e imagens de sua respectiva cultura. A melhor maneira de estimular o processo de endoculturação é participar da luta dos menos privilegiados pela sua libertação. A solidariedade é a melhor mestra de valores culturais comuns.

27. Essa crescente diversidade cultural poderia criar algumas dificuldades. Em nosso empenho por expressar a catolicidade da Igreja podemos perder o sentido de sua unidade. Mas a unidade que buscamos não é uniformidade, e sim a expressão múltipla de uma fé e de uma missão comuns.

“Concluimos que essa confissão de Cristo oriunda de nossos vários contextos culturais é um intercâmbio não só mutuamente inspirador, mas também mutuamente corretivo. Sem esse compartilhar, nossas afirmações individuais tornar-se-iam gradualmente mais pobres e estreitas. Precisamos uns dos outros para recuperar as dimensões perdidas do confessar Cristo e para descobrir dimensões que desconhecíamos antes. Compartilhando dessa maneira, modificamo-nos todos nós e nossas culturas são transformadas” (15).

A visão de nações vindo do Leste, do Oeste, do Norte e do Sul para sentar-se ao banquete final do Reino deveria estar sempre em nossa mente em nosso empenho missionário.

Para reflexão e debate

Que significa renovação dentro da Igreja? Significa modernizar-se? mudanças de estruturas? renovação de liderança entre gerações? propor uma nova visão? É mais alguma coisa? Reflitamos sobre a renovação de que nossa Igreja precisa para responder às inquietações e necessidades de seus fiéis e das pessoas a que queremos chegar com a mensagem do Cristo.

Que significado tem a participação na Santa Ceia? Que significa compartilhar do pão e do vinho comunitariamente?

Temos realizado algum esforço comum com crentes de outras denominações ou Igrejas? Tem sido fácil fazê-lo? Que preconceitos encontramos em nós mesmos? Como podemos romper as barreiras que nos separam?

Nossa congregação local tem vocação missionária? Como podemos acordá-la ou desafiá-la?

Que queremos dizer quando falamos de endoculturação do Evangelho? É necessário que isto aconteça?

Que diferença há entre unidade e uniformidade na proclamação do Evangelho? Em que sentido nos sentimos irmanados a outros cristãos do mundo?

A MISSÃO À MANEIRA DE CRISTO

28. “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio” (Jo 20.21). O despojamento do servo que viveu no meio do povo, partilhando suas esperanças e sofrimentos, dando sua vida na cruz por toda a humanidade – essa foi a maneira de Cristo proclamar as Boas Novas, e, como discípulos, somos convocados a seguir o mesmo caminho. “O servo não é maior que seu senhor; nem o enviado maior que aquele que o enviou” (Jo 13.16).

Nossa obediência missionária deveria ser moldada no ministério e no ensinamento de Jesus. Ele deu seu amor e seu tempo ao povo. Ele louvou a viúva que deu ao templo sua última moeda; recebeu Nicodemos durante a noite; chamou Mateus para o apostolado; visitou Zaqueu em sua casa; deu-se de maneira especial aos pobres, consolando-os, confirmando-os e desafiando-os. Despendeu longas horas em oração e viveu na dependência e na pronta obediência à vontade de Deus.

Um espírito imperialista de cruzado era alheio a ele. As Igrejas são livres para escolher as formas que julgam as melhores para anunciar o Evangelho a diferentes povos em diferentes circunstâncias. Mas essas opções nunca são neutras. Toda metodologia revela ou distorce o Evangelho que anunciamos. Em todas as comunicações do Evangelho o poder deve estar subordinado ao amor.

29. Nossas sociedades estão sofrendo uma rápida e significativa mudança sob o impacto das novas tecnologias de comunicação e de suas aplicações. Estamos entrando na era da sociedade de informação, caracterizada pela presença cada vez maior dos meios de comunicação em todos os relacionamentos, tanto interpessoais quanto intersociais. Os cristãos precisam repensar criticamente sua responsabilidade em relação a todos os processos de comunicação, e redefinir os valores das comunicações cristãs. No uso de todas as novas opções em matéria de comunicação, a Igreja comunicante deve assegurar-se de que tais instrumentos de comunicação não são senhores, mas servos na proclamação do Reino de Deus e de seus valores. Como servos, as novas opções de comunicação, mantidas em seus próprios limites, ajudarão as sociedades a se libertarem da servidão nesse plano e colocarão nas mãos das comunidades instrumentos para o testemunho de Jesus Cristo.

30. A evangelização se produz em termos de relações interpessoais. Ali o Espírito Santo vivifica a fé e o Evangelho é compreendido e comunicado mediante a participação nas dores e alegrias da vida e na identificação com o povo.

Freqüentemente as testemunhas fundamentais são precisamente pessoas sem publicidade ou destaque, que se mantêm firmemente unidas em pequenas comunidades de apoio mútuo, cuja vida conduz à pergunta: “Qual é a fonte do

sentido da tua vida? Qual é a força de tua debilidade?”, dando assim ensejo a que O NOME seja pronunciado. Experiências compartilhadas revelam com que frequência Cristo é confessado no silêncio mesmo de uma cela de prisão ou de uma Igreja reprimida, mas que serve, espera e ora.

A missão reclama uma Igreja pronta a servir em todo lugar, uma Igreja disposta a suportar os estigmas (as marcas dos cravos) do Senhor crucificado e ressurreto. Desse modo a Igreja mostrará que pertence àquele movimento do amor de Deus mostrado em Cristo, que se trasladou para a periferia da vida. Ao morrer fora das portas da cidade (Hb 13.12) ele se converte no Sumo Sacerdote que se oferece a si mesmo para a salvação do mundo. A mensagem de um amor feito de auto-entrega e partilha é verdadeiramente proclamada fora das portas da cidade, é ali que a Igreja renova sua vocação de ser o corpo de Cristo em jubilosa comunhão com seu Senhor ressuscitado (1 Jo 3.16).

Para reflexão e debate

Consideremos a passagem de João 13.1-20. Podemos cumprir este mandamento de Jesus? Como?

Que pensamos do uso dos meios modernos de comunicação para dar a conhecer a mensagem de Cristo?

Indiquemos algumas características da missão da Igreja. Nós as temos posto em prática em nossa congregação local?

BOAS NOVAS PARA OS POBRES

31. Há uma nova consciência do crescente fosso entre a fortuna e pobreza, tanto entre nações como no interior de cada nação. É uma cruel realidade que o número de pessoas que não atinge o nível material necessário a uma vida humana normal está em permanente crescimento. Cada vez mais pessoas se vêem na situação de cidadãos marginalizados, de segunda classe, incapazes de controlar o próprio destino e de compreender o que acontece à sua volta. Racismo, impotência, solidão, rompimento dos vínculos familiares e comunitários são novas evidências da marginalização que acompanha a categoria da pobreza.

32. Há também uma trágica coincidência no fato de que, em sua maioria, os pobres do mundo não puderam ouvir as Boas Novas do Evangelho de Jesus Cristo; ou não puderam acolhê-las, porque não as puderam reconhecer como Boas Novas na forma em que lhes foram levadas. Isto representa uma dupla injustiça: eles são vítimas da opressão de uma ordem econômica injusta ou de uma distribuição política injusta do poder, e, ao mesmo tempo, são privados do conhecimento do especial cuidado que Deus tem por eles. Anunciar as

Boas Novas para os pobres é começar a fazer a justiça que lhes é devida. A Igreja de Jesus Cristo é chamada a pregar as Boas Novas aos pobres segundo o exemplo de seu Senhor, que se encarnou como pobre, que viveu entre os pobres como um deles e lhes fez a promessa do Reino de Deus. Jesus olhava as multidões com compaixão. Reconheceu os pobres como aqueles contra quem se pecava, vítimas do pecado tanto pessoal quanto estrutural.

Dessa profunda consciência originaram-se sua solidariedade e seu chamado aos pobres (Mt 11.28). Seu chamado foi personalizado. Convidou-os a vir a ele, a receber perdão dos pecados e a assumir uma tarefa. Convidou-os a acompanhá-lo, porque seu amor incorporava seu respeito por eles como pessoas criadas por Deus, livres para responder. Chamou-os a exercer essa responsabilidade perante Deus, o próximo e suas próprias vidas. A proclamação do Evangelho entre os pobres é um sinal do Reino messiânico e um critério prioritário para se julgar a validade de nosso engajamento missionário hoje (Apêndice 8).

33. Essa nova consciência é um convite a repensar prioridades e estilos de vida, tanto na igreja local quanto no esforço missionário de âmbito mundial. É certo que Igrejas e cristãos vêm-se estabelecidos em contextos muito diversos: alguns em meios opulentos, onde a experiência da pobreza tal como vivida por milhões no mundo de hoje é praticamente desconhecida; outros em sociedades igualitárias, onde as necessidades básicas da vida parecem estar asseguradas para quase todos; outros ainda, em situações de extrema pobreza. Mas a consciência da natureza global da pobreza e da exploração no mundo de hoje, o conhecimento da interdependência entre nações e a compreensão da responsabilidade missionária internacional da Igreja – tudo isto convida, e mesmo obriga cada igreja e cada cristão a pensar em maneiras e meios de partilhar as Boas Novas com os pobres de nosso tempo. Um olhar objetivo à vida de cada sociedade, mesmo as mais opulentas e aquelas que são teoricamente mais justas, mostrará a realidade dos pobres do presente nos marginalizados, nos excluídos que não conseguem fazer face à sociedade moderna, nos prisioneiros de consciência, nos dissidentes. Todos eles aguardam um copo de água fresca ou uma visita em nome de Cristo. As Igrejas estão aprendendo de novo, com os pobres da terra, a superar as velhas dicotomias entre evangelização e ação social. O “Evangelho espiritual” e o “Evangelho material” eram um só Evangelho em Jesus.

34. Não há evangelização sem solidariedade; não há solidariedade cristã que não envolva a partilha do conhecimento do Reino, que é a promessa de Deus aos pobres da terra. Há aqui um duplo teste de credibilidade: uma proclamação que não exponha as promessas da justiça do Reino para os pobres é uma caricatura do Evangelho; mas a participação cristã nas lutas por justiça que não apontem para as promessas do Reino constituem também uma caricatura de uma compreensão cristã de justiça.

Hoje, um crescente consenso entre os cristãos fala da opção preferencial de Deus pelos pobres (16). Temos aí um padrão válido para ser aplicado a nossas vidas como indivíduos cristãos, como congregações locais e como povo missionário de Deus no mundo.

35. Este ponto de convergência representado pela opção preferencial de Deus pelos pobres levanta a questão do Evangelho para todos os que objetivamente não são pobres, ou não se consideram como tais. *É uma clara convicção cristã a de que Deus quer que todos os seres humanos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade, mas sabemos que, conquanto o propósito de Deus seja a salvação de todos, ele trabalhou historicamente através do povo de Israel e através da encarnação de seu próprio filho Jesus Cristo. Conquanto seu propósito seja universal, sua ação é sempre particular.* O que estamos reaprendendo hoje é que Deus opera através dos oprimidos, dos perseguidos, dos pobres da terra. E, a partir daí, está convocando toda a humanidade a segui-lo. “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16.24).

O convite é claro para todos nós: seguir Jesus identificando-nos e compartilhando com os fracos, os marginalizados e os pobres do mundo, porque neles o encontramos. Sabendo, a partir do Evangelho e da experiência histórica, que ser rico é arriscar a perda do Reino, e sabendo quão estreitos são os vínculos, no mundo de hoje, entre a abundância de alguns e as carências de outros, os cristãos são desafiados a segui-lo, entregando ao Reino tudo o que são e têm para uma luta que nos compromete contra toda injustiça, contra toda penúria. A opção preferencial pelos pobres, longe de ser uma discriminação nos demais seres humanos, é, ao contrário, um guia para as prioridades e o comportamento de todos os cristãos em toda parte, apontando para os valores em torno dos quais deveríamos organizar nossas vidas e a luta em que deveríamos empenhar nossa energia.

36. Há na Igreja uma longa experiência de pobreza voluntária, pessoas que, em obediência a sua vocação cristã, deixam de lado todos os seus pertences, escolhem para si mesmas o destino dos pobres da terra, tornando-se um deles e vivendo em seu meio. A pobreza voluntária sempre foi reconhecida como uma fonte de inspiração espiritual, de maior penetração no cerne do Evangelho.

Hoje estamos gratamente surpreendidos, à medida que as Igrejas se desenvolvem entre os pobres da terra, pela penetração e a perspectiva do Evangelho que surgem das comunidades dos pobres. Dimensões do Evangelho que há

16. Conferência do Episcopado Católico Latino-Americano, Puebla, 1979, parágrafo nº 1134.

muito haviam sido esquecidas pela Igreja estão sendo desvendadas. Os pobres da terra estão lendo a realidade a partir do outro lado, o lado daqueles que não mereceram a atenção dos livros de história escritos pelos conquistadores, mas que seguramente mereceram a atenção de Deus no livro da vida. Viver com os pobres e compreender a Bíblia de seu ponto de vista ajuda a descobrir o especial cuidado com que Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, pensa nos marginalizados, nos oprimidos, nos espoliados. Damo-nos conta de que os pobres a quem Jesus prometeu o Reino de Deus são abençoados em sua ânsia de justiça e em sua esperança de libertação. São ao mesmo tempo receptores e portadores das Boas Novas; têm o direito e o dever de anunciar o Evangelho não só entre eles mesmos, mas também convocando todos os outros setores da família humana.

As Igrejas dos pobres estão difundindo o Evangelho libertador de Jesus Cristo por todos os cantos da terra. A riqueza e o frescor de sua experiência são uma inspiração e uma bênção para Igrejas com séculos de história. Os centros da expansão missionária da Igreja se estão deslocando do Norte para o Sul. Deus está operando através dos pobres da terra para despertar a consciência da humanidade para seu chamado ao arrependimento, à justiça e ao amor.

Para reflexão e debate

Quem são para nós os pobres? Que nos diz a Bíblia a esse respeito?

Levamos em conta os pobres no nosso trabalho? Como? Comprometemo-nos com eles?

A “ação social” da Igreja é uma maneira de anunciar as Boas Novas? por quê?

Fala-se de uma dicotomia entre evangelização e ação social no âmbito da Igreja. O que nos diz o exemplo de Jesus a este respeito?

Possuir bens materiais pode nos fazer perder de vista alguma dimensão do Evangelho? Demos exemplos concretos.

A MISSÃO EM E PARA SEIS CONTINENTES

37 . Em todo lugar as Igrejas estão em meio de situações missionárias. Mesmo em países onde elas têm atuado durante séculos, vemos hoje a vida organizada sem referência aos valores cristãos, um crescimento do secularismo entendido como ausência de qualquer sentido final. As igrejas perderam o contato vital com os trabalhadores, com os jovens e com muitos outros. Essa situação é tão urgente que demanda atenção prioritária do movimento ecumênico. Os deslocamentos de migrantes e de refugiados políticos trazem a fronteira missionária para a soleira de cada paróquia. As afirmações cristãs sobre a responsabilidade missionária mundial da Igreja serão dignas de crédito na medida em que sejam autenticadas por um sério engajamento missionário dentro de casa.

À medida em que o mundo se torna menor, mesmo os cristãos que vivem mais longe podem ter conhecimento e sentir-se inspirados pelo fiel engajamento missionário numa situação local. As expressões de solidariedade entre as Igrejas por sobre fronteiras políticas e os atos simbólicos de obediência de uma parte do Corpo de Cristo, que ressalta o trabalho missionário de outros setores da Igreja, são de especial importância no momento atual. Assim, por exemplo, enquanto programas relacionados com a eliminação do racismo podem ser vistos como problemas para algumas Igrejas, eles de fato se tornaram, para outras Igrejas, um sinal de solidariedade, uma oportunidade para o testemunho e uma prova da autenticidade cristã.

Cada congregação local precisa da consciência de sua catolicidade, que vem de sua participação na missão da Igreja de Jesus Cristo em outras partes do mundo. Por sua postura de testemunho em seu próprio local, suas orações de intercessão pelas Igrejas de outras partes do mundo e a partilha de pessoas e recursos, ela participa plenamente da missão mundial da Igreja de Jesus Cristo.

38. Essa preocupação com a missão em todo o mundo foi posta à prova pelo apelo por uma moratória, uma trégua – ao menos por um tempo – no envio e recebimento de missionários e recursos, através de fronteiras nacionais, como forma de encorajar a recuperação e a afirmação da identidade de cada Igreja, o retorno da atenção para a missão em seu próprio lugar e a liberdade de reconsiderar relações tradicionais. O Acordo de Lausanne observava que “a redução de missionários e dinheiro estrangeiros num país evangelizado pode por vezes ser necessária para facilitar o crescimento e a autoconfiança da Igreja nacional e para liberar recursos para áreas não evangelizadas” (17). A moratória não significa o fim da vocação missionária nem do encargo de prover recursos para o trabalho missionário; significa sim liberdade para repensar os compromissos atuais e considerar se a continuação do que temos feito por tanto tempo constitui um estilo de missão correto em nossos dias.

A moratória deve ser entendida como parte integrante de uma preocupação com a missão mundial. É o compromisso fiel para com Cristo em cada situação nacional que torna autêntica a preocupação missionária em outras partes do mundo. Nunca poderá haver uma moratória de missão, mas será sempre possível, e por vezes necessário, haver uma moratória em prol de uma missão melhor.

39. A história das Igrejas desde seus primeiros anos é a história do testemunho fiel em suas respectivas localidades, mas é também a história do empenho em levar o Evangelho para além de limites nacionais e continentais; primeiro de

17. Acordo de Lausanne, nº 9.

Jerusalém para a Judéia e a Samaria, depois para a Ásia Menor, a África e a Europa, e agora até os confins da terra. Os cristãos de hoje são os herdeiros de uma longa história daqueles que deixaram seus países e suas Igrejas de origem — apóstolos, monges, peregrinos, missionários, emigrantes — para trabalhar em nome de Jesus Cristo, servindo e pregando ali onde o Evangelho ainda não fora ouvido ou acolhido. Com a colonização européia da maior parte do mundo e, mais tarde, com a expansão da presença colonial e neocolonial das potências ocidentais, as Igrejas, que tinham suas bases sobretudo no Ocidente, expandiram seu serviço missionário a todos os rincões da terra.

Esse desenvolvimento foi sem dúvida acompanhado por muitas ambigüidades, presentes até hoje, e o pecado de proselitismo em meio a outras confissões cristãs não é a menor delas. As Igrejas e as organizações missionárias estão analisando a experiência desses séculos passados com o objetivo de retificar seus procedimentos, precisamente com a ajuda das novas Igrejas surgidas nesses países. A história da Igreja, o povo missionário de Deus, precisa continuar. Cada paróquia local, cada cristão deve ser desafiado a assumir responsabilidade na missão total da Igreja. Sempre haverá necessidade daqueles que têm a vocação e o dom de cruzar fronteiras para partilhar o Evangelho de Jesus Cristo e servir em seu nome (Apêndice 9).

40. Além desse sentimento de que toda a Igreja está em missão, reconhecemos o chamado específico a pessoas ou comunidades a se dedicarem inteiramente ao serviço da Igreja, transpondo fronteiras culturais e nacionais. As Igrejas não deveriam permitir que essa vocação específica de uns poucos seja um alibi para o conjunto da Igreja, devendo antes concebê-la como uma concentração simbólica da vocação missionária de toda a Igreja. Vendo a questão dos que estão em missão em nossos dias, “percebemos uma mudança na orientação da missão, surgida de nossa compreensão do Cristo que é o centro e que está sempre em movimento em direção à periferia. Embora sem negar de modo algum o significado e a necessidade permanentes de uma mutualidade entre as Igrejas dos hemisférios Norte e Sul, acreditamos poder discernir um desenvolvimento mediante o qual a missão nos anos 80 se produzirá cada vez mais no interior dessas zonas. Sentimos que haverá cada vez mais intercâmbio entre as Igrejas da Ásia, África e América Latina, entre as quais se contam membros ricos e pobres. Segundo esperamos, esse desenvolvimento assumirá a forma de iniciativas mais sólidas por parte das Igrejas dos pobres e oprimidos, nas periferias. Entre os países industrializados, similarmente, uma nova reciprocidade, originada sobretudo dos grupos marginalizados, pode levar a um compartilhar com as periferias das sociedades mais ricas. Embora o fluxo de Igrejas financeiramente mais ricas para Igrejas mais pobres possa continuar, e embora não seja nossa intenção encorajar o isolacionismo, sentimos que uma vantagem dessa nova realidade poderia ser o afrouxamento do vínculo de dominação e

dependência que ainda caracteriza tão escandalosamente a relação entre muitas Igrejas dos hemisférios Norte e Sul, respectivamente” (18).

Para reflexão e debate

Por que dizemos que atualmente todas as Igrejas se encontram em situações missionárias?

Nossa Igreja local está consciente dessa vocação missionária? Como a expressa?

São importantes a autonomia e a afirmação da identidade das diferentes Igrejas? por quê?

O TESTEMUNHO EM MEIO A POVOS DE OUTRAS CRENÇAS

41. Os cristãos têm o dever de comunicar a mensagem da salvação de Deus em Jesus Cristo a toda pessoa e a todo povo. Dão seu testemunho no contexto de vizinhos que vivem de outras convicções religiosas e crenças ideológicas. O verdadeiro testemunho acompanha Jesus Cristo no respeito e na afirmação da unicidade e da liberdade dos demais. Como cristãos, confessamos que muitas vezes procuramos descobrir o pior nos outros e formulamos julgamentos negativos sobre outras religiões. Como cristãos, esperamos estar aprendendo a testemunhar perante nossos semelhantes num espírito de humildade, de arrependimento e alegria (Apêndice 10).

42. A Palavra está em ação em cada vida humana. Em Jesus de Nazaré a Palavra fez-se um ser humano. O prodígio de seu ministério de amor persuade os cristãos a testemunhar perante povos de todas as crenças religiosas e não religiosas essa presença decisiva de Deus em Cristo. Nele está nossa salvação. Dentre os cristãos, há ainda divergências de concepção acerca de como essa salvação em Cristo seria acessível a povos de diversas crenças religiosas. Mas todos concordam em que o testemunho deve ser levado a todos.

43. Essa atitude nasce da certeza de que Deus é o criador de todo o universo e de que ele não permaneceu sem testemunhas em nenhum momento ou lugar. O Espírito de Deus está em permanente ação sob formas que superam o entendimento humano e ali onde menos esperamos. Ao entrar numa relação de diálogo com outros, os cristãos procuram, portanto, discernir as inescrutáveis riquezas de Deus e seu modo de lidar com a humanidade. Para os cristãos oriundos de culturas conformadas por outra fé, um diálogo interior ainda mais íntimo tem lugar na medida em que tentam estabelecer em suas vidas uma conexão entre sua herança cultural e as convicções fundamentais de sua fé cristã.

18. *Your Kingdom Come*, pp. 220-221.

44. Os cristãos deveriam utilizar cada oportunidade de dar as mãos aos seus vizinhos, de trabalhar juntos na constituição de comunidades de liberdade, paz e respeito mútuo. Em alguns lugares a legislação estatal põe obstáculos à liberdade de consciência e ao real exercício da liberdade religiosa. As Igrejas cristãs, bem como as comunidades de outros credos, não podem cumprir sua vocação sem a liberdade e o direito de manter sua forma institucional e sua identidade confessional numa sociedade, e de transmitir suas crenças de uma geração a outra. Nessas difíceis situações, os cristãos deveriam, junto aos outros, encontrar um meio de entrar em diálogo com as autoridades civis de modo a chegar a uma definição comum de liberdade religiosa. Com essa liberdade vem a responsabilidade pela defesa, através de ações comuns, de todos os direitos humanos nessas sociedades (Apêndice 11).

45. A convivência com povos de outros credos e ideologias pode ser um encontro de compromissos. O testemunho não pode ser um processo de mão-única, é necessariamente recíproco; nele os cristãos tomam consciência de algumas das mais profundas convicções de seus semelhantes. É também a ocasião em que, dentro de um espírito de abertura e confiança, os cristãos são capazes de prestar um testemunho autêntico, demonstrando seu compromisso com Cristo, que chama a si todas as pessoas.

Para reflexão e debate

Como pensamos que devemos encarar o nosso testemunho das Boas Novas a pessoas de outras crenças e de outras ideologias? Temos alguma experiência a esse respeito? Comentemos alguns exemplos positivos e dificuldades.

Por que os cristãos devem dar importância ao diálogo com pessoas de outras crenças e ideologias? Consideremos a passagem de Colossenses 4.5-6.

Olhando para o futuro

46. Seja em meio às *massas secularizadas das sociedades industriais, às novas ideologias emergentes* em torno das quais as sociedades se organizam, às *religiões que ressurgem* e congregam pessoas, os *movimentos de trabalhadores e de refugiados políticos, a luta dos povos por liberdade e justiça, a incerta peregrinação da geração mais jovem* rumo a um futuro ao mesmo tempo cheio de promessas e obscurecido pelo confronto nuclear — a Igreja é chamada a estar presente e a articular o significado do amor de Deus em Jesus Cristo para todas as pessoas e todas as situações.

47. A vocação missionária da Igreja e seu chamado evangélico não resistirá ao confronto com as duras realidades da vida diária se não for sustentada pela fé, *uma fé apoiada na oração, na contemplação e na adoração*. “Reunião e dispersão, recebimento e doação, louvor e trabalho, prece e luta — este é o verdadeiro ritmo do engajamento cristão no mundo” (19). Os cristãos devem levar seus corações, mentes e vontades ao altar de Deus, sabendo que da adoração vem a sabedoria, da prece vem a força e da fraternidade a resistência. “Ser incorporado a Cristo através da ação do Espírito Santo é a maior bênção do Reino, e a única base permanente de nossa atividade missionária no mundo” (20). O mesmo Senhor que envia seu povo a cruzar todas as fronteiras e penetrar nos mais desconhecidos territórios em seu nome, é aquele que assegura: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.20).

Para reflexão e debate

Por que devemos olhar o futuro com esperança?

Como podemos expressar tal esperança?

19. *Idem*, p. 205.

20. *Idem*, p. 204.

Apêndices

1. Agora, o Evangelho foi dado aos apóstolos para nós pelo Senhor Jesus Cristo; e Jesus, o Cristo, foi enviado por Deus. Isto significa que Cristo recebeu seu mandato de Deus, e os apóstolos receberam o seu de Cristo. A ordem desses dois acontecimentos estava de acordo com a vontade de Deus. Assim, doravante, quando os apóstolos estão instruídos e todas as suas dúvidas foram dissipadas pela ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo dentre os mortos, eles partiram, na plena garantia do Espírito Santo, para proclamar a vinda do Reino de Deus. E à medida em que penetraram territórios e comunas pregando, apontaram seus primeiros conversos — após prová-los pelo Espírito — como bispos e diáconos para atender aos crentes do futuro.

(Clemente de Roma, *A primeira epístola aos coríntios*, 42)

2. A diferença entre os cristãos e o resto da humanidade não é uma questão de nacionalidade, de idioma ou de costumes. Os cristãos não vivem à parte em cidades só deles, não falam qualquer dialeto especial, tampouco praticam um estilo de vida excêntrico. A doutrina que professam não é uma invenção de mentes e cérebros laboriosos, e não são, como outros, adeptos desta ou daquela escola de pensamento humano. Vivem sua vida em qualquer comuna — grega ou estrangeira — que a sorte de cada um determina; e adaptam-se aos usos locais em sua vestimenta, alimentação e outros hábitos. No entanto, a organização de sua comunidade exhibe de fato algumas características notáveis ou mesmo surpreendentes. Por exemplo, ainda que residam em seu próprio país, comportam-se ali como se estivessem em trânsito; cumprem plenamente seu papel de cidadãos, mas se submetem a tudo como se fossem forasteiros. Para eles, todo país estrangeiro é uma pátria, e qualquer pátria é um país estrangeiro. Como outros homens, eles se casam e têm filhos, embora não abandonem suas crianças. Todo cristão é livre para compartilhar a mesa de seu vizinho, mas nunca seu leito matrimonial. Embora o destino os tenha colocado aqui na forma de carne, não vivem para ela; suas vidas transcorrem na terra, mas sua cidadania está acima, nos céus. Obedecem às leis vigentes, mas em suas próprias vidas privadas transcendem as leis. Mostram amor a todos os

homens; e todos os homens os perseguem. São incompreendidos e condenados; contudo ao sofrer a morte rumam mais depressa para a vida. São pobres, embora enriquecendo a muitos; carecem de tudo, embora tudo tenham em abundância. São desonrados, embora alcancem a glória em sua desonra; caluniados, embora vingados. Pagam a calúnia com bênçãos e a injúria com a cortesia. Pelo bem que fazem são açoitados como malfeitores; e, sob os golpes, rejubilam-se como homens que recebem uma nova vida. Os judeus atacam-nos como heréticos e os gregos os atormentam perseguindo-os; e entre todos os que lhes desejam o mal, não há um que possa apresentar bons motivos para sua hostilidade.

Em poucas palavras, a relação dos cristãos com o mundo é a da alma com o corpo... (*A epístola e Diogneto*, pontos 5 e 6)

3. Não há uma maneira única de testemunhar Jesus Cristo. Em diferentes épocas e lugares a Igreja deu testemunho de diferentes maneiras. Isto é importante. Há ocasiões em que uma ação dinâmica na sociedade se faz necessária; há outras em que uma palavra deve ser dita; outras ainda em que o comportamento dos cristãos entre si é o testemunho eficaz. Há também ocasiões em que a simples presença de uma comunidade ou de um homem em atitude de adoração é o testemunho. Essas diferentes dimensões do testemunho do único Senhor são sempre uma questão de obediência concreta. Tomá-las isoladamente é distorcer o Evangelho. Elas estão inextricavelmente unidas, e juntas dão as verdadeiras dimensões da evangelização. O importante é que a Palavra redentora de Deus seja proclamada e ouvida.

(*Reflexão teológica sobre o trabalho evangélico*, 1959.)

4. Através de Cristo homens e mulheres são libertados e fortalecidos com todas as suas energias e possibilidades para participar em sua obra messiânica. Por sua morte na cruz e sua ressurreição dos mortos, a esperança de salvação torna-se uma realidade e a realidade se faz esperançosa. Ele liberta da prisão da culpa. Retira da história sua inevitabilidade. Nele o Reino de Deus e dos seres livres se torna atingível. A fé em Cristo libera no homem a liberdade criativa para a salvação do mundo. Aquele que se coloca à margem da missão de Deus coloca-se também à margem da salvação.

(*Assembléia de Bangkok*, 1973, p. 88)

5. Os que participam da vida de Cristo e o confessam como Senhor e Salvador, Libertador e Unificador estão reunidos numa comunidade cujo autor e suporte é o Espírito Santo. Essa comunhão no Espírito tem seu objetivo básico e propósito último na celebração eucarística e na glorificação do Deus trino. A doxologia é a confissão suprema, que transcende todas as nossas divisões.

(*Breaking Barriers*, p. 48)

6. “Uma igreja que se renova para melhor evangelizar é uma igreja que aceita ser ela própria evangelizada... Temos falta menos de palavras a dizer aos homens que de homens confiáveis para dizer a Palavra.”

(Palavras pronunciadas pelo Monsenhor Etchegaray no Sínodo de Bispos da Igreja Católica Romana, Roma, 1974)

7. Há momentos e lugares em que o próprio ato de nos reunirmos para celebrar a Eucaristia pode constituir um testemunho público. Em certos Estados os cristãos podem ser desencorajados a participar desse culto, ou ser punidos por isso. Sabemos de muitos que se reúnem à custa de grande risco, e cuja coragem revela aos que os cercam o valor do sacramento. Em outras situações, a Eucaristia pode ser um testemunho aberto, planejado de modo que muitos possam vê-lo. Uma celebração assim jubilosa pode oferecer uma nova esperança a sociedades descrentes, secularizadas. Na mesa do Senhor figura uma visão de Deus que aproxima dele o coração humano... Cada ministro e congregação cristã deve procurar essa compreensão, e só podemos dar algumas indicações: ali onde um povo está sendo duramente oprimido, a Eucaristia fala do êxodo ou da libertação da escravidão; onde os cristãos são rejeitados ou aprisionados por sua fé, o pão e o vinho transformam-se na vida do Senhor que foi rejeitado pelos homens mas tornou-se “a principal pedra angular”; onde a Igreja vê diminuir seus membros e reduzir-se os seus recursos, a Eucaristia declara que não há limites para a dádiva de Deus e nem fim para a esperança nele; onde a discriminação por raça, sexo ou classe ameaça a comunidade, a Eucaristia permite a pessoas de todos os tipos partilhar da mesma comida e tornar-se um só povo; onde as pessoas vivem na abundância e no conforto, a Eucaristia diz: “Assim como Cristo compartilhou sua vida, compartilhai o que tendes com os que têm fome”; ali onde uma congregação está isolada pela política, pela guerra ou pela geografia, a Eucaristia nos une com todo o povo de Deus em todos os lugares e todas as épocas; ali onde um irmão ou irmã está próximo da morte, a Eucaristia torna-se uma porta de entrada ao Reino de nosso Pai amoroso.

(*Your Kingdom Come*, pp. 205-206)

8. A proclamação do Evangelho aos pobres é um signo da nova era inaugurada por Jesus Cristo. Como o atestam as Escrituras, a situação dos pobres, e o que pode o Espírito Santo fazer em seu meio é uma ocasião maravilhosa para a manifestação do amor e do poder de Deus. Isto implica que a evangelização dirigida aos pobres, com, para e através dos pobres, deve ser considerada uma das mais altas prioridades das Igrejas.

(Towards a Church in Solidarity with the Poor, p. 26)

9. A proclamação das Boas Novas é uma contínua necessidade, e todos, crentes e não crentes, estão desafiados a ouvir e a responder, uma vez que a conversão nunca termina. Reconhecemos e aceitamos com alegria nossa obrigação especial em relação aos que nunca ouviram a Boa Nova do Reino. Novas fronteiras estão sendo descobertas continuamente. Jesus Nosso Senhor está sempre à nossa frente e nos impele a segui-lo, com freqüência, de maneiras inesperadas. A comunidade cristã é uma comunidade em marcha, que faz sua proclamação, tanto para si mesma como para os que dela não fazem parte, mesmo quando deixa à mostra suas outras marcas “no caminho”.

(Your Kingdom Come, p. 195)

10. Os cristãos engajados num sincero “diálogo em comunidade” com pessoas de outras crenças e ideologias não podem deixar de fazer a si mesmos penetrantes perguntas acerca do lugar dessa gente na ação de Deus na história. Formulam a si tais perguntas não em teoria, mas em termos do que pode estar Deus fazendo nas vidas de centenas de milhões de homens e mulheres que vivem em comunidade e o buscam tais como os cristãos, mas por diferentes caminhos. Esse diálogo deveria ser levado à frente em termos de pessoas com outras crenças e ideologias, mais do que em termos de sistemas teóricos, impessoais. Isto não significa negar a importância de tradições religiosas e suas inter-relações, mas é vital para examinar até que ponto credos e ideologias orientam a vida diária de indivíduos e grupos, e de fato afetam o diálogo de ambos os lados.

Ao abordar as questões teológicas nesse espírito, os cristãos deveriam proceder da seguinte maneira:

– com *arrependimento*, porque sabem com quanta facilidade interpretam erroneamente a revelação de Deus em Jesus Cristo, traindo-a em suas ações e colocando-se como donos da verdade de Deus, ao invés dos indignos recipientes da graça que na realidade são;

– com *humildade*, porque tão freqüentemente percebem em povos de outros credos e ideologias uma espiritualidade, dedicação, compaixão e sabedoria que deveriam impedi-los de fazer juízos sobre os outros, adotando uma posição de superioridade; em particular, deveriam evitar o uso de conceitos como os de “cristãos anônimos”, “a presença cristã”, “o Cristo desconhecido”, de maneiras não pensadas por aqueles que os criaram para fins teológicos, ou de maneiras prejudiciais à própria compreensão de cristãos e de outros;

– com *alegria*, porque não é a si mesmos que pregam, mas a Jesus Cristo, visto por muitas pessoas de religiões e ideologias atuais como profeta, santo, mestre

e exemplo, mas confessado pelos cristãos como Senhor e Salvador, ele mesmo a testemunha fiel e o que vem (Ap 1.5-7);

– com *integridade*, porque não entram em diálogo com os outros exceto nessa penitente e humilde alegria no Senhor Jesus Cristo, clarificando para os outros sua própria experiência e testemunho, mesmo quando procuram ouvir dos outros as expressões de suas convicções e percepções mais profundas. Tudo isto significaria uma abertura e exposição, a capacidade de ser feridos que vemos no exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, e que sintetizamos com a palavra vulnerabilidade.

(Guidelines on Dialogue with People of Living Faiths and Ideologies, pp. 11-12)

11. A atitude das Igrejas face aos atuais ressurgimentos e reafirmações de religiões institucionais terão de variar segundo a situação específica. Em alguns países a situação das Igrejas tornou-se extramamente difícil, particularmente onde o ressurgimento levou à erosão de liberdades civis, entre as quais, por vezes, a liberdade religiosa.

A oração da Igreja universal deve ser para que os cristãos possam encontrar, nessas situações, forças no Espírito Santo para testemunhar o Reino de Deus em humildade e paciência, para que a opressão possa ser enfrentada com amor e para que Deus possa usar seus sofrimentos para produzir uma renovação de sua própria fé cristã.

Expressamos nossa solidariedade com eles e com todos os oprimidos.

Em todas as situações de conflitos religiosos as Igrejas são chamadas a prestar ajuda a seus membros individuais para que reexaminem suas próprias lealdades básicas e melhor compreendam seus semelhantes de outras religiões. Em todos os casos, as Igrejas devem tentar encontrar em seus respectivos contextos pontos de contato para o diálogo e a cooperação com as pessoas de outros credos. Os critérios acima mencionados, bem como a herança cultural comum e um compromisso com a unidade e o desenvolvimento nacional poderiam ser os pontos de partida para um mútuo testemunho no diálogo. Isto pressupõe uma atitude aberta, respeitosa e verdadeira nas Igrejas e entre seus membros com relação aos semelhantes de outras religiões, mas também a coragem de demonstrar a esperança que temos em Jesus Cristo como nosso Senhor.

Como foi assinalado nas Pautas para o Diálogo, recebidas pelo Comitê Central do CMI em sua reunião na Jamaica em 1979, a aproximação dialógica com semelhantes de outros credos e convicções não está em contradição com a missão. Nossa missão de testemunhar a Jesus Cristo nunca poderá ser abandonada.

da. A proclamação do Evangelho a todo o mundo permanece uma obrigação urgente para todos os cristãos, e deveria ser desempenhada no espírito de nosso Senhor, não num espírito de cruzada agressiva.

“Comportemo-nos sabiamente em relação aos que estão fora; aproveitemos ao máximo as oportunidades. Seja a nossa conversa sempre cheia de graça e nunca insípida; estudemos a melhor maneira de falar com cada pessoa que encontramos” (Cl 4.5-6).

(Your Kingdom Come, pp. 187-188)

Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 Fundos
Telefone 205-5197
22241 - Rio de Janeiro -- RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 66-7273
01238 - São Paulo - SP

Editor
Elter Dias Maciel

Redatores
Carlos Cunha
André A. Toral

Programação Visual
Anita Slade
Martha Braga

Arte final
José Roberto Gouvêa

Produção Gráfica
Roberto Dalmaso

Assinaturas e Expedição
Valéria Carrera Roura

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domício P. de Matos

Conselho Editorial
Elter Dias Maciel
Rubem Alves
Jether Pereira Ramalho
Heloísa Martins
Luiz Roncari

Composição
Robertom, Gráficos Ltda.
Rua Senador Dantas, 76
Sobreloja 207 - Tel. 220-1945

Fotolito e Impressão
Clip - Rua do Senado, 200
Telefone 252-4610

Pedidos em cheques para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 - Rio de Janeiro - RJ

A melhor forma de preparar-nos para o grande evento que será a 6ª Assembléia do CMI – Vancouver (24 de julho a 10 de agosto de 1983), será refletindo com nossas comunidades sobre questões relevantes para a Fé e a Pastoral.

Esta publicação é um instrumento simples e ao mesmo tempo profundo para subsidiar aquelas reflexões. Os textos de fácil compreensão e as questões que se seguem, sem dúvida, cumprirão com eficiência seu propósito em nossos círculos de estudo, nas paróquias, nas CEBs e certamente nas igrejas evangélicas, o público preferencial da presente publicação.

É mais um esforço do CMI (Conselho Mundial de Igrejas) e do CEBI (Centre Ecuménico de Documentation e Information) para desencadear um amplo processo de renovação das consciências cristãs num tempo de imensos desafios pastorais que, como nunca, reclamam uma ampla participação das bases eclesiais.

